

A festa dos calouros

O ano do cinquentenário da UFSC começou com a festa do Vestibular, que ofereceu 6.021 vagas nos campi de Florianópolis, Araranguá, Curitibanos e Joinville

p. 6 e 7



Impresso

99129-5/2002-DR/SC
UFSC

CORREIOS



Jornal

Universitário

Universidade Federal de Santa Catarina - Março de 2010 - Nº 408

HU: olhos para a vida

O Hospital Universitário da UFSC realizou, com sucesso, a sua primeira cirurgia de cataratas. Gilda Leopoldina da Silveira, 83 anos, voltou a enxergar depois que o oftalmologista Eduardo de Souza, professor do Departamento de Cirurgia da UFSC, se empenhou em buscar uma solução para o caso. A cirurgia marcou também a inauguração do uso de aparelhos de última geração adquiridos pela Associação Amigos do HU

p. 5

Foto: Cláudia Reis



"Joguei a bengala fora, bem longe de mim", comemora Gilda que, na foto, aparece concentrada na leitura do *Jornal Universitário*

O destino dos fortes

Em 2010 as fortalezas da Ilha comemoram 271 anos. Brasil, Uruguai, Argentina, Chile, Portugal e Açores discutem o destino e a gestão dos fortes

p. 10

Futebol

Taça UFSC 50 Anos vai para Joinville

p. 4

Tecnologia

Polo ganha livro

p. 8

Emprego

Aquicultura sem pragas

p. 9

Humanização

Identidade para as árvores

p. 12

Locomoção

UFSC e UFFS têm nova frota

p. 4

Do Editor

50 anos: festa e trabalho

"Produzindo conhecimento para um mundo melhor" - Magda do Canto Zurba, professora do curso de Psicologia e vencedora do concurso para a escolha do slogan comemorativo

Dois mil e dez é um ano especial para a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). No dia 18 de dezembro a Instituição completará 50 anos de atuação no ensino, na pesquisa, na extensão e na cultura.

Consolidada na região e no Estado, e reconhecida pela qualidade no País e no exterior, a UFSC embala o sonho de seu fundador, Doutor João David Ferreira Lima, e prepara-se, na atual gestão, para ser a Universidade do Século XXI.

Paralelamente aos compromissos com o passado, o presente e o futuro da instituição, a Administração Prata-Paraná está programando uma agenda especial de ações e atividades para marcar o cinquentenário. A comemoração envolve a comunidade universitária e a sociedade, renovando, ao mesmo tempo, o papel estratégico e insubstituível da universidade pública com o País e a população que a alimenta e sustenta.

Referenciada em pesquisas nacionais e internacionais como instituição líder, a UFSC não descuidou da sua inserção social e local. Sem interromper a Gestão Lucio-Ariovaldo, expandiu-se em Florianópolis e estendeu seus tentáculos ao interior, implantando cursos inovadores nos campi de Joinville, Araranguá e Curitiba, tutelando, de quebra, a criação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), sediada em Chapecó.

Em 2010, portanto, duas coisas não faltarão: muito trabalho e motivos para festejar.

O trabalho não cessou nem nas férias. A marca dos 50 anos encontra-se presente no Calendário, na Agenda, no catálogo telefônico, no site, no *Jornal Universitário*, no Portal, no Mapa do Campus, na Taça UFSC, no livro sobre o polo tecnológico e na comunicação institucional.

A sociedade saberá dar à UFSC o devido valor no seu cinquentenário. O ensino, a pesquisa, a extensão e a cultura naturalmente legitimam esse reconhecimento. Mas o Hospital Universitário (HU), por si só, já bastaria para construir a ponte da UFSC com o povo.



Caiu na cesta

A comunicação cuida da saúde da instituição

Moacir Loth

O silêncio dos (nada) inocentes. Estudantes foram fuzilados nas recentes manifestações de rua na Venezuela. Chávez continua, no entanto, contando com o silêncio da esquerda. Expert em chavismo, o articulista Nildo Ouriques não se aguenta e pode soltar a pena a qualquer momento. E, então, Hugo nada mais poderá fazer a não ser jogar a toalha!

Capacitação de mudança. Modelo nacional, o Centro de Capacitação da UFSC deixou os fundos do Restaurante (RU) e passou a atender no terceiro piso do Centro de Cultura e Eventos. O setor receberá novas melhorias para atender às demandas de 2010.

Ópera. Dilvo Ristoff emplacou Jaime Giolo, ex-vice da Universidade de Passo Fundo, para vice na UFFS: "Reger um concerto de tamanhas proporções, com base numa partitura não completamente escrita, é um enorme desafio", balbuciou o valente ainda pouco conhecido.

Alívio Geral. Está, por enquanto, afastada a ameaça de uma epidemia de raiva na UFSC em 2010. Os cães respiram aliviados no túmulo de Catatau, na Praça da Cidadania.

Triste. "Muitos riram e o palhaço levantou a cabeça espantado. Ironia desgraçada! Passou o dia inteiro fazendo graça e ninguém riu; agora que falava sério, achavam graça" (Sérgio Porto, no conto *O Elefante*).

Twittando com Saramago. "Os tais 140 caracteres refletem algo que já conhecíamos: a tendência para o monossílabo como forma de comunicação. De degrau em degrau, vamos descendo até o grunhido."

Sem ofender. Não seria o caso de passar o horário de verão logo para as 14 horas? Afinal, uma universidade não é "rígida", como cartório ou banco.

Não entenderam... Tem gerado alguma polêmica a garagem coberta para motos no fundo da Reitoria.

Sem tirar nem botar. O caos do estacionamento na cidade é reproduzido no campus.

Comida. Após longo congelamento, o valor do vale-refeição saltou para 304 reais. A Pró-Reitoria de Desenvolvimento Humano e Social inseriu a melhoria já na folha de fevereiro.

O campus dos bichos



Ciência (Folha) revela: "Sob pressão, rato coopera como humano". A pesquisa é portuguesa.

São fogo! A turma de procuradores de Joinville, que já infernizou a implantação do campus da UFSC, ingressou com ação para suspender o Enem.

Mais estresse. A lei 12.089 proibiu estudar, ao mesmo tempo, em mais de uma universidade pública. A legislação, embora justa, obrigou alunos da UFSC e da Udesc a opções difíceis.

Observatório. A inauguração do Boitá, homenagem a Franklin Cascaes, foi antecipada pelos pássaros. Eles fizeram da escultura um poleiro para observar o lago. A inauguração oficial integra as comemorações dos 50 anos da UFSC.

Frase

Uma coisa é definir e conceituar a Política de Estado para a Ciência, a Tecnologia e a Inovação; outra coisa é sua efetividade (Carlos Alberto Aragão, presidente da Comissão Nacional da 4ª Conferência Nacional de CT&I)

Memória

Vítima de infarto, o servidor técnico-administrativo Maurino Jorgino da Silveira (*foto*) faleceu aos 56 anos. Admitido na UFSC em março de 1978, Maurino ocupava o cargo de assistente em Administração do Departamento de Gestão Patrimonial, ligado à Pró-Reitoria de Infraestrutura.

Dedicado à Instituição e profundo conhecedor da área de gestão patrimonial, Maurino foi um dos responsáveis pela melhoria e modernização do setor nas últimas administrações da UFSC. O servidor, que estava prestes a se aposentar, exercia função de grande responsabilidade, envolvendo todos os órgãos da UFSC. Conhecido como o "Maurino do Patrimônio", era referência na Instituição.

José Naur Silva, servidor aposentado, também partiu no dia 8 de fevereiro. O funcionário trabalhava junto à Prefeitura Universitária.



Reciclagem no Centro de Eventos

Além do mictório ecológico, o prédio agora conta com uma caixa coletoira de pilhas e baterias. Pelo jeito a instalação veio bem ao encontro das necessidades da comunidade, já que no dia da foto havia uma caixa de papelão cheia delas ao lado.



Foto: Claudia Reis

O peixe da EdUFSC. O livro *Aquicultura e desenvolvimento sustentável - Subsídios para a formulação de políticas de desenvolvimento da aquicultura brasileira*, de Luis Vinatea Arana, é leitura recomendada para o ministro da Pesca.

Caim na cachaça. Teria acontecido nos Volantes. Começou uma discussão entre dois camaradas já um pouco "altos" sobre quem teria matado quem: "se Caim ou Abel"! Foi quando um abelhudo meteu o bedelho: "Ué, eu nem sabia que eles tinham brigado!". Abel era seu vizinho; o Caim só conhecia de ouvido... Para esquentar futuros debates, *Caim & Abel*, de Jeffrey Archer, e *Caim*, de José Saramago, vêm a calhar. E de lambuja, acrescento a dúvida de Fausto Wolff, em *Gaiteiro Velho*: "Quando Caim matou Abel, ninguém perguntou o nome do mandante".



Expediente

Elaborado pela Agecom - Agência de Comunicação da UFSC
Campus Universitário - Trindade - Caixa Postal 476
CEP 88040-970, Florianópolis - SC
www.agecom.ufsc.br, agecom@edugraf.ufsc.br
Fones: (48) 3721-9233 e 3721-9323. Fax: 3721-9684

Diretor e Editor Responsável:
Moacir Loth - SC 00397 JP

Redação:
Alita Diana (Jornalista)
Arley Reis (Jornalista)
Artemio R. de Souza (Jornalista)
Celita Campos (Jornalista)
Erich Casagrande (Bolsista)
Fernanda Burigo (Bolsista)
José A. de Souza (Jornalista)
Mara Paiva (Jornalista)
Margareth Rossi (Jornalista)
Maria Luiza de Oliveira Gil (Bolsista)
Natália Izidoro (Bolsista)
Paulo Clóvis Schmitz (Jornalista)
Paulo Fernando Liedtke
Tiago de Carvalho Pereira (Bolsista)
Tiffany Ródio (Bolsista)

Fotografia:
Carolina Dantas (Bolsista)
Paulo Noronha

Arquivo Fotográfico
Ledair Petry
Tania Regina de Souza

Editores e Projeto Gráfico:
Jorge Luiz Wagner Behr
Cláudia Schaub Reis (Jornalista)

Gestão e Expediente:
João Pedro Tavares Filho (Coord.)
Beatriz S. Prado (Expediente)
Rogéria D'El Rei S. S. Martins
Romilda de Assis (Apoio)

Impressão: Diário Catarinense



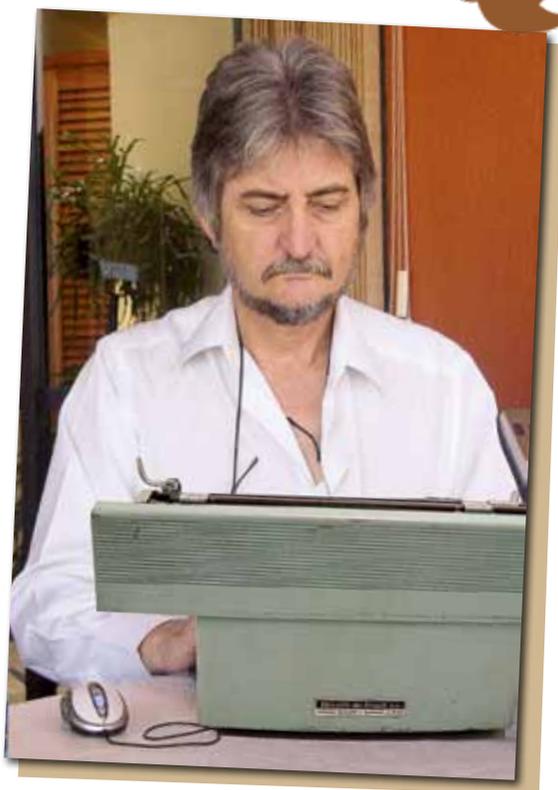
Biz Stone, Mitra e a educação pós-twitter

"O twitter é, por enquanto, uma rudimentar rede de conexão social", disse Biz Stone, um dos seus criadores, em Doha, na primeira reunião de cúpula sobre inovação na educação, realizada em novembro de 2009. Há, segundo ele, ainda muito a fazer para tirar pleno proveito dos mais de 4.4 bilhões de telefones celulares e de 1 bilhão de contas de internet espalhados pelo globo. Estamos apenas no começo, garante.

Quais são os próximos passos? Qual será o novo desenho desta invenção que encantou o mundo? Isto, disse Biz Stone, é mais ou menos como o desenho de ruas, calçadas e passeios numa cidade. É inútil dizer às pessoas que elas devem andar por aqui ou por ali. Melhor é esperar que elas próprias nos digam como e por onde querem andar para então construirmos os caminhos. Por isso, argumenta, é melhor esperar para ver como as pessoas usam a tecnologia antes de propor um redesenho. O twitter, por enquanto, é um pequeno triunfo da tecnologia, mas, para ser verdadeiramente revolucionário, precisa se tornar "um triunfo da humanidade, não da tecnologia", disse.

O criador do twitter esteve ao lado do professor indiano Sugata Mitra. Mitra é o autor de "A Hole in the Wall" – um livro em que narra os experimentos feitos com computadores disponibilizados a crianças de diversas comunidades pobres da Índia. Mitra, literalmente, abriu buracos em paredes de casas junto às ruas de cidades para onde os bons professores não querem ir e instalou computadores. Queria ver o que aconteceria com as crianças em termos de aprendizagem informal. Para a sua surpresa, as crianças aprenderam, em três meses, sozinhas, a usar o computador, a explorar o mundo virtual e, rapidamente, como todos nós, a exigir um processador mais veloz. Concluiu que, sem qualquer tipo de ajuda, os meninos de rua aprenderam 30% dos conteúdos de genética que lhes foram disponibilizados e, depois, com o auxílio de um tutor, que apenas esclarecia eventuais dúvidas, obtiveram resultados superiores aos dos estudantes das melhores escolas da Índia.

Trabalhando com a idéia de que agora que o conhecimento deixou de ser exclusividade dos mestres e está em toda a parte (Não sabe? Não pergunte ao professor: pergunte ao google!), Mitra argumenta que importa menos o que você sabe ou quem você conhece, e mais se você está ou não linkado. Já não estamos mais na época em que o computador apenas fazia o velho trabalho com mais agilidade e conforto: agora a própria idéia do velho trabalho está sendo redefinida pela nova tecnologia e a escola precisa rapidamente compreender esta redefinição



Dilvo: novas tecnologias a serviço do ensino, da pesquisa e da extensão

para não tornar-se chata e obsoleta.

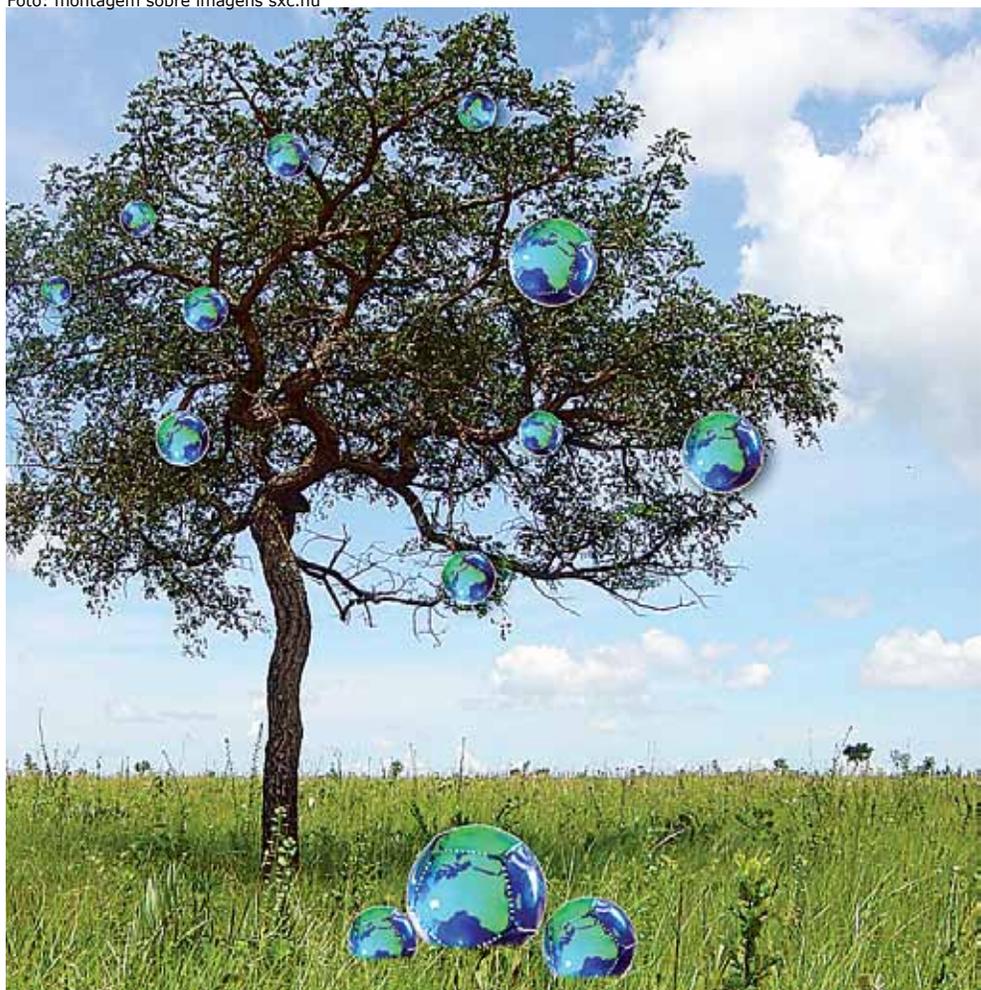
No tocante à educação, entramos decididamente numa era em que conhecimento não brota mais de super-indivíduos, mas de co-construções multiperspectivadas e produzidas em múltiplos sítios eletrônicos, não mais exclusivamente por gênios iluminados da aristocracia pensante, mas por cidadãos comuns envolvidos com os seus afazeres diários, por energias criativas que caracterizam verdadeiras inteligências coletivas e democráticas. Aos poucos, o usuário do google questiona, e não raro com razão, as recomendações do médico, a originalidade do artista, o conhecimento do professor. O acesso fácil à informação, trazido pelas novas tecnologias, gerou a era do espanto, do desconforto, da instabilidade dos doutores acomodados, dos mestres oniscientes e dos pseudo-especialistas!

Para que a inteligência coletiva e democrática possa brotar em todos os cantos do planeta, ganhar escala e ser colocada efetivamente a serviço da humanidade, as universidades e a escola precisam mudar, tornando a inclusão digital de todos, especialmente a dos mais pobres, esquecidos e vulneráveis, a sua palavra de ordem deste milênio. Nenhum único talento pode permanecer oculto e, acima de tudo, o sistema educacional precisa estar disposto a colocar as novas tecnologias a serviço do ensino, da pesquisa e da extensão, tornando-os mais ágeis, mais interessantes e mais comprometidos com a sustentabilidade da vida no planeta. Para isso, terão que, ente outros, aprender a conviver com ambientes de aprendizagem auto-organizados, a lidar com tecnologias que tolerem o erro e a desenvolver sistemas de auto-avaliação que possibilitem múltiplas trajetórias pedagógicas. Em suma, a educação terá que ter compromisso fundamental com a inovação. O que Biz Stone e Mitra propõem é um futuro que não mais replicará o presente. Será um futuro que trará à tona milhões de talentos que até hoje permaneciam ocultos pelo seu alijamento social e que a partir de agora poderão ser colocados a serviço da vida. Será um mundo novo, muito diferente do que o que hoje conhecemos, com novas oportunidades para todos!

Estará o sistema educacional brasileiro em condições de preparar os nossos jovens para as demandas de adaptabilidade que se apresentam? A julgar pela resistência que as novas tecnologias ainda encontram em nossas universidades de elite, especialmente entre professores de cursos que devem formar os formadores de nossos filhos, temo que continuaremos a educar para o passado, imaginando equivocadamente que esta educação funcionará no futuro. Não funcionará! A menos que aceitemos, passivamente, que se frustrem as nossas esperanças de construir um país soberano - avançado nas artes e nas ciências - é urgente que os professores e alunos, de nossas escolas e campi, sejam, a exemplo de outros setores mais progressistas da sociedade, expostos a um agressivo choque de novas tecnologias, antes que caiam em completo descrédito pela sua notória incapacidade de educar para os novos tempos. E isto não depende só dos professores. Depende, principalmente, de políticas públicas comprometidas com as novas possibilidades de interconectividade, comprometidas com o futuro.

Dilvo Ristoff é reitor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

Foto: montagem sobre imagens sxc.hu



A Copa do Mundo e o uso da madeira

Sendo o Brasil o país escolhido como sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014 e sede das Olimpíadas e Paraolimpíadas de 2016, muitas construções serão necessárias. O país deve preparar infraestrutura e tem a oportunidade de se destacar no cenário mundial, adotando soluções que contemplem funcionalidade, eficiência, beleza e conforto.

Será também momento importantíssimo para mostrar ao mundo nosso comprometimento com as preocupações e valores ambientais. Considerando a extensão territorial e clima propícios do país ao desenvolvimento de árvores, chamo atenção para a oportunidade de um projeto ambicioso, visando a transformação e aplicação do material madeira em construções. É evidente que nesta proposta está a ênfase à utilização de madeiras provenientes de regiões de manejo sustentável, principalmente de florestas plantadas.

A madeira é o único material de fonte prontamente renovável e cuja fábrica é a árvore. Na análise do seu ciclo de vida fecha o ciclo do carbono, demonstrando perfeito equilíbrio com o meio ambiente. Para a formação do

tecido lenhoso, a natureza se encarrega de capturar o carbono poluente da atmosfera, o qual, em mistura com a água da umidade do solo absorvida pelas raízes, produz os polímeros complexos que dão origem à madeira.

O *Canadian Wood Council* indica que produtos em madeira armazenam mais CO₂ do que emitem durante o processo de extração, transporte e beneficiamento.

Outro ponto importante é que ao nos utilizarmos de madeiras de floresta plantadas contribuimos para minimizar a busca por aquelas provenientes da mata nativa. Por estes e diversos outros motivos é necessário fazermos um planejamento para sua aplicação. O Brasil tem enorme potencial para ser produtor de madeira e um grande transformador desse eco-material em bens duráveis. A curto prazo, tendo em vista os eventos de 2014 e de 2016, há uma grande oportunidade para estabelecimento de diretrizes para preparação dessa vitrine para o cenário mundial.

Carlos Alberto Szücs é coordenador do Grupo Interdisciplinar de Estudos da Madeira da UFSC

Os artigos são de inteira responsabilidade de seus autores

Taça UFSC 50 Anos é do Joinville Esporte Clube

Vencedor do primeiro turno do Campeonato Catarinense de Futebol 2010, o clube recebeu o troféu que inclui a marca da Universidade e foi criado dentro das comemorações do cinquentenário da Instituição

Fotos: Paulo Noronha

Mara Paiva

Jornalista na Agecom

O futebol é o esporte nacional por excelência, palco de grandes catarses no público torcedor. Característica que a UFSC considerou ao inserir a criação da Taça UFSC 50 Anos entre as atividades de comemoração de seu cinquentenário. A distinção, que inclui troféus e medalhas, foi entregue aos vencedores do primeiro turno do Campeonato Catarinense de Futebol 2010. O jogo decisivo aconteceu na Arena Multiuso de Joinville, maior estádio de futebol do Estado, 21 de fevereiro, reunindo os finalistas Joinville Esporte Clube, time local, e o Avaí Futebol Clube, de Florianópolis. O empate por 1x1 garantiu ao time de Joinville, dono da maior pontuação na primeira fase, a conquista da taça.

O Reitor da UFSC, Alvaro Prata, o diretor geral do campus de Joinville, Acires Dias, o diretor do Centro de Cultura e Eventos da Universidade, Luiz Roberto Barbosa, o governador do Estado Luiz Henrique da Silveira, o prefeito de Joinville, Carlito Merss, e o presidente da Federação Catarinense de Futebol, Delfim de Pádua Peixoto, realizaram a entrega ao final do jogo. Prata destacou a importância do momento para a UFSC, como forma de divulgação e pela integração entre a instituição e o Estado.

Para Acires Dias, a entrega da distinção ao time local significou uma aproximação mais intensa entre a comunidade e o campi da UFSC, inaugurado no ano passado em Joinville. A taça destaca o brasão e os princípios da Universidade, assim como os princípios e valores do esporte. Utiliza a chama como símbolo de movimento, luz e conhecimento, e os louros para representar a glória e a vitória. Foi desenvolvida pelos alunos Bianca Schmidt, Valéria Rosa e Fernanda Olinto, do curso de Design de Produto da UFSC e Thales Eduardo Macedo e Lucas José, de Design Gráfico. Eles foram orientados pelos professores Cristina Colombo Nunes, Mônica Stein, Monica Ronneberg da Silva e Milton Luiz Horn Vieira, e também pelo diretor do Departamento de Cultura e Eventos, Luiz Roberto Barbosa.



Jogadores do Joinville levam a Taça como campeões do Primeiro Turno do Campeonato Catarinense de Futebol; Avaí, que ficou em segundo, também ganhou taça na versão prata; o troféu foi concebido por alunos do Design da UFSC



UFFS e UFSC recebem novos veículos

Carros vão garantir a integração entre os diversos campi das duas instituições, que atuam nos três Estados do Sul

Mara Paiva

Jornalista na Agecom

A Universidade Federal de Santa Catarina e a Universidade Federal da Fronteira Sul receberam 14 novos veículos. A cerimônia de entrega aconteceu em frente ao prédio da Reitoria, no campus de Florianópolis, com a presença dos reitores da UFSC, Alvaro Prata, e da UFFS, Dilvo Ristoff, dos diretores dos campi da Universidade Federal em Araranguá e Curitiba, Sérgio Peters e Darci Trebien, e do diretor acadêmico do campus de Joinville, Alvaro Lezana.

Conforme o pró-reitor de Infraestrutura em exercício, Jair Napoleão Filho, foram adquiridos dez Nissan Livina, três vans Peugeot, e uma van Mercedes Sprinter. Desses, seis Livina e uma Peugeot foram entregues à UFFS. Cada um dos três

campi da UFSC recebeu um Livina e os outros dois Livina foram destinados ao campus central, um para a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) e outro para a Reitoria. As três vans restantes, adquiridas na concessionária Dumas, de Curitiba, serão entregues até o final de fevereiro e também devem ficar no campus central da UFSC.

Os veículos destinados à UFFS foram comprados com recursos daquela instituição e geridos pela UFSC na condição de tutora. O reitor Alvaro Prata aproveitou a ocasião para destacar o desempenho de Dilvo Ristoff à frente da UFFS neste primeiro ano de existência. Prata também comentou a importância de haver maior quantidade de viaturas para a UFFS como forma de garantir a mobilidade de uma universidade que nasceu com cinco campi distribuídos nos três Estados da Região Sul.

Foto: Paulo Noronha



Foram adquiridos 14 veículos; sete deles foram entregues à UFFS

Associação Amigos do HU conquista sede

Cozinha, sala de TV e sofás garantem qualidade na espera

Foto: Paulo Noronha

Celita Campos

Jornalista na Agecom

Uma grande conquista. É assim que os membros da Associação Amigos do Hospital Universitário (AAHU) definem a sede da entidade, localizada no edifício Voluntária Cora Coelho Duarte da Silva.

O piso térreo abriga a coleta de sangue, com muito espaço no segundo pavimento para o acolhimento de pacientes que vêm de outras regiões do Estado. Ali tem cozinha, sala de TV e sofás, garantindo melhor acomodação aos familiares que acompanham os pacientes e são obrigados a esperar várias horas até o fim das consultas e exames. A sede administrativa da associação - que conta atualmente com cerca de 150 voluntários - ficará no terceiro andar do prédio.

O Hospital Universitário Ernani Polydoro São Thiago (HU) iniciou suas atividades em 1980 e se orgulha de ser o único hospital de Santa Catarina totalmente público. Ele foi estruturado visando atuar igualmente no ensino, na pesquisa e na extensão, atendendo à comunidade local e de todo o Estado de Santa Catarina. O atendimento prioritário ambulatorial consolidou-se, permitindo que o HU se estruturasse em quatro áreas básicas: clínica médica, cirúrgica, pediatria e tocoginecologia,



A sede administrativa da Associação ocupa o terceiro andar

implantada com o Centro Obstétrico e as unidades de neonatologia.

Destacam-se as atividades no setor de emergência 24 horas, que atinge uma média de 400 atendimentos diários. Há grande demanda da população, que vê o HU como centro de atendimento público e gratuito de elevado nível de competência técnica e atendimento humanizado. O HU é também referência estadual em patologias complexas, com grande demanda na área de câncer e cirurgias de grande porte, nas diversas especialidades. Além disso, pesquisas são desenvolvidas por sua equipe técnica.

“Joguei a bengala fora, bem longe de mim”

Aos 83 anos, Dona Gilda volta a enxergar depois de cirurgia realizada no Hospital Universitário

José Antônio de Souza
Jornalista na Agecom

O caso de Gilda Leopoldina da Silveira, 83 anos, tinha tudo para ser mais uma dessas histórias do interior da Ilha de Santa Catarina. Viúva pobre, nascida na Vargem Pequena, enfrentou grandes dificuldades na infância, na juventude e ainda continua vivendo tempos sombrios. De dois casamentos na Barra da Lagoa, resultaram uma prole de nove filhos, dos quais três mulheres e um homem já faleceram. A filha do primeiro casamento, que durou apenas dois anos, a abriga na velhice.

Com o segundo marido, Eugênio Vitor da Silveira, Gilda viveu 55 anos. Ele faleceu em meados de 2009. As lutas para criar a família não foram pequenas. Sem instrução e sem outras oportunidades, o casal vivia da agricultura de subsistência. Plantava café, mandioca, milho, batata, frutas e verduras, que garantiam o alimento da casa.

Gilda lavava roupas para fora na beira do rio. O mesmo caminho foi seguido pela filha mais velha, Elisabete Gilda Ramos, quando atingiu a idade de 16 anos. Os filhos estudaram até a quarta série do primário porque a escola não oferecia outras séries adiante. Assim, cada um tomou o seu caminho em busca de trabalho. A velha senhora foi acometida de várias enfermidades, consequência, talvez, das dificuldades que enfrentou.

Uma delas apareceu nos olhos, que aos poucos foram ficando embaçados. Os anos foram passando e ela acabou se acostumando com essa situação. Certa vez visitou um médico, que diagnosticou catarata. Como houve um caso de uma parente próxima ter ficado cega depois que foi operada da mesma doença, isso afastou Gilda da possibilidade de realizar a cirurgia.

“É muito ruim, moço, viver assim à toa, sem poder fazer nada. Quando o dia está claro eu posso andar um pouquinho em volta da casa segurando um pedaço de pau. Mas de noite é difícil até para comer”, comenta a senhora enxugando as lágrimas. Ela salienta que sempre

trabalhou muito e ainda buscava no mato a lenha para manter o fogão aceso.

Seu genro Erasmo Domingos Ramos, então, preocupado com a situação, procurou uma solução para o problema. Junto com a esposa e a sogra, ele pagou uma consulta numa clínica particular importante da Capital. Após a avaliação da paciente, o médico Eduardo V. de Souza falou da possibilidade de cirurgia, caso os exames indicassem apenas a catarata. “Eu senti uma coisa muito estranha dentro de mim. Era algo que dizia que aquele médico ia resolver o problema”.

Diante da explicação do profissional, Ramos pensou que se o tratamento não desse certo ela nada perderia, uma vez que já não enxergava. Mas o sonho parecia virar bolha de sabão. A família não dispunha de recursos para custear o tratamento, pois a paciente recebe do INSS apenas um salário mínimo de pensão. O médico a encaminhou para o Sistema Único de Saúde, cuja consulta foi marcada no posto de saúde do bairro. A família garantiu que se dependessem do SUS, a idosa morreria sem a cirurgia.

Comovido com o caso, o oftalmologista a encaminhou para o ambulatório do HU, onde também atende. E decidiu se empenhar em resolver o caso. A recuperação da visão de Gilda passou a ser uma luta pessoal do jovem profissional, que tem os títulos de mestre e doutor em oftalmologia pela USP e é professor do Departamento de Cirurgia da UFSC, tendo como especialidade Doenças da Retina e Vítreo.

Por outro lado, o corpo clínico de oftalmologia do Hospital Universitário vinha lutando para que a instituição iniciasse as cirurgias de catarata e o transplante de córnea, uma vez que os equipamentos já tinham sido adquiridos pela Associação Amigos do HU, que investiu cerca de R\$ 150 mil em aparelhos de última geração.

Todos os exames realizados na paciente indicaram sinal verde para a operação. O médico marcou a cirurgia de um dos olhos na primeira semana de janeiro. Após trinta dias de recuperação, ocorreu a cirurgia da outra vista.

Foto: Cláudia Reis



Dona Gilda lê o JU depois da cirurgia; a catarata que possuía era incomum, mas a operação, realizada no HU, devolveu-lhe a visão

Para o genro, maior desejo era ver Gilda enxergando novamente



Foto: José Antônio de Souza

“Quando o dia está claro eu posso andar um pouquinho em volta da casa segurando um pedaço de pau. Mas de noite é difícil até para comer”, reclamava Gilda, antes da cirurgia. Hoje a bengala já foi descartada

Erasmo Domingos Ramos é uma espécie de genro que toda sogra sonha um dia ter. Trabalhador, aos sete anos de idade já estava ajudando o pai na lavoura. Com 16 embarcou para o Rio Grande do Sul para atuar como pescador em embarcações profissionais. Desde a Argentina até os portos de Vitória, no Espírito Santo, ele conhece todas as áreas de pesca. Exerceu várias atividades embarcado, tornando-se maquinista de barco pesqueiro. Para isso teve que realizar curso de três meses na Escola Técnica, recebendo a carteira da Marinha Mercante.

Quando se casou com Elisabete, ficou apenas oito dias com a esposa. Voltou ao trabalho. A cada dois meses retornava trazendo dinheiro para preparar seu futuro. Com isso, o terreno onde plantava foi transformado numa pequena pousada. Aposentado há 16 anos, sua preocupação sempre foi encontrar uma forma de dar melhor conforto para sua sogra. Ele conheceu bem a vida difícil que a família enfrentou e a luta de Gilda para criá-los. O marido, agricultor, não tinha outras ocupações enquanto a plantação crescia.

Hoje os filhos são casados e, embora pobres, conseguem viver. Mesmo assim, quando Gilda começou a ficar doente, nenhum deles quis assumir a responsabilidade de cuidar dela. “Fiz questão de trazer minha sogra para cá porque não sou rico, mas acho que ela merece ter uma vida digna”. Erasmo ficou muito comovido com o agravamento da saúde de Dona Gilda.

Embora em anos anteriores não fosse favorável à cirurgia, ele percebeu que houve um grande avanço na medicina, e acreditou na possibilidade da realização do tratamento com sucesso. “Meu sonho era vê-la enxergar novamente. Não quero nada para mim. Apenas queria ver essa mulher feliz e trabalhando, vendo televisão, passeando”. Antes da operação comentava, sem perceber que já tinha lágrimas escorrendo pelo rosto: “Se essa cirurgia der certo vai ter gente chorando aqui”.

A cirurgia

A expectativa do dia da cirurgia tornou-se uma espécie de fantasma circulando nas cabeças da família, dos amigos e do próprio médico, formando um misto de ansiedade, medo e esperança. Depois das festas de final de ano, o 13 de janeiro seria o grande dia. A família se reuniu na sala de espera, com o terço na mão e um frio na espinha. A operação teve duração de 20 minutos. A catarata de Gilda era incomum; escura e redonda como uma esfera, resistiu à ação do laser. Por isso o procedimento tornou-se mais complicado, explicou, posteriormente, o médico. Curativo feito, a paciente voltou para casa com retorno ambulatorial agendado para o dia 20 pela manhã. Dona Gilda estava confiante e a expectativa de todos era enorme. O oftalmologista Eduardo Vieira ressaltou que nos primeiros momentos, após a retirada do tampão, a visão é turva, mas com o passar dos dias as imagens se tornam mais nítidas.

No dia marcado o curativo foi retirado e os primeiros raios de luz começam a ser percebidos pelo olho direito, que há anos ansiava devolver a visão a sua dona. Alguns dias mais tarde, Gilda disse que de repente olhou para a porta e conseguiu enxergar tudo nitidamente. “Eu chamei o Erasmo e disse que estava vendo. Ele ligou a TV e perguntou se eu enxergava as imagens. ‘Claro que sim’, respondi”.

Imediatamente o celular do doutor Eduardo foi acionado. O médico lembra que do outro lado da linha havia muito barulho e um homem chorando, e ficou apreensivo. Quando Erasmo conseguiu se acalmar, disse que queria que o médico fosse o primeiro a saber. “Minha sogra está vendo perfeitamente”, gritava o genro. A alegria contagiou também o médico que, emocionado, agradecia as palavras de carinho e de admiração dos parentes da paciente.

A notícia sobre a idosa correu por toda a Barra da Lagoa. E a primeira atitude de Gilda foi agradecer a Deus pela graça recebida e ao médico que a curou. A segunda foi realizada com muita alegria: “joguei a bengala fora, bem longe de mim”. A paciente está sendo acompanhada no ambulatório a cada quinzena, quando o médico avalia a evolução do tratamento.

Comunidade comemora a aprovação

Aprovados no Vestibular festejam ingresso numa das melhores universidades do País; os primeiros colocados recebem homenagem na recepção aos calouros

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

A Universidade Federal de Santa Catarina divulgou no dia 01/02 a lista dos aprovados no Vestibular UFSC/2010. A relação com a nominata completa foi afixada nos ginásios 1 e 3 do Centro de Desportos, localizado no campus da Trindade, e disponibilizada no site www.vestibular2010.ufsc.br.

A estudante Gabriela Guimarães Gonçalves, de Joinville, que optou pelo curso de Medicina, foi a primeira colocada no Vestibular 2010, alcançando a nota 90,51 sobre 100. Entre os 10 primeiros colocados, sete passaram para Medicina, um para Relações Internacionais, um para Arquitetura e um para Direito diurno. Cinco deles são de Florianópolis, e os demais vêm de Joinville, Chapecó, Imbituba, Curitiba e Apucarana (PR). Esses candidatos que tiveram desempenho especial recebem um diploma no dia da recepção dos calouros, em março, desde que tenham se matriculado na UFSC.

Das 6.021 vagas oferecidas, 5.308 (88,2%) foram ocupadas e 713 (11,8%) ainda não foram preenchidas por não terem atendido pelo menos um dos cinco requisitos mínimos exigidos pela instituição (entre eles, fazer ao menos

24 pontos nas questões objetivas, atingir 40% da nota da Redação e acertar pelo menos 20% das questões discursivas). O número total de 5.310 foi atingido graças às duas vagas suplementares dadas aos indígenas, pelo sistema de cotas.

Dos aprovados, 768 tiveram as notas do Novo Exame Nacional do Ensino Médio (Novo Enem) descartadas, para não rebaixar sua média. De acordo com o presidente da Comissão Permanente do Vestibular (Coperve), Julio Szeremeta, "o vestibular foi muito tranquilo e nenhuma das 496 alternativas das provas, que constituíram as 80 questões, foi anulada". Do total de vagas, 1.040 contemplaram os novos campi de Joinville (400, em dois semestres), Curitiba (360) e Araranguá (280).

Realizado entre os dias 19 e 21 de dezembro, em 13 cidades catarinenses, o Vestibular UFSC 2010 teve 32.559 inscritos e ofereceu vagas em mais de 80 cursos e habilitações. No vestibular anterior, o número de candidatos foi de 30.854, para 4.581 vagas. E, na comparação com 2008, houve um incremento de 31,4% na quantidade de vagas, o que se explica pela criação dos campi de Joinville, Curitiba e Araranguá, além de novos cursos na Capital. Medicina foi o mais concorrido, com 59,81 candidatos por vaga.

Os dez primeiros colocados

- 1 - Gabriela Guimarães Gonçalves - Medicina - Joinville
- 2 - Anderson Luiz Tacca - Medicina - Chapecó
- 3 - Camila de Oliveira Macedo - Relações Internacionais - Florianópolis
- 4 - Pedro Henrique Veras Ayres da Silva - Medicina - Curitiba
- 5 - Rafael Bertoldi Pescador - Direito diurno - Florianópolis
- 6 - Leonardo Albino Medeiros - Medicina - Florianópolis
- 7 - Leandro Bellina de Bittencourt - Medicina - Imbituba
- 8 - Gustavo David Ludwig - Medicina - Florianópolis
- 9 - Camila Cristina Valério - Medicina - Apucarana
- 10 - Bruno Wiethorn Rinaldi - Arquitetura - Florianópolis

Novos cursos

Em relação ao Vestibular 2009, os novos cursos oferecidos pela UFSC são:

- Fonoaudiologia (Florianópolis)
- Engenharia Eletrônica (Florianópolis)
- Arquivologia (Florianópolis)
- Geologia (Florianópolis)
- Antropologia (Florianópolis)
- Licenciatura em Ciências Biológicas - Noturno (Florianópolis)
- Museologia (Florianópolis)
- Engenharia da Mobilidade (Joinville)
- Ciências Rurais (Curitiba)
- Tecnologias da Informação e da Comunicação - Diurno (Araranguá)
- Tecnologias da Informação e da Comunicação - Noturno (Araranguá)
- Engenharia de Energia (Araranguá)

Dados do Vestibular 2010



- Inscritos: 32.559 candidatos
- Vagas oferecidas: 6.021
- Vagas preenchidas: 5.310
- Cursos e habilitações: 82
- Programa de Ações Afirmativas: 76,7% não-opantes; 20,8% optaram por escola pública; 2,5% por cota de negros
- Candidatos por sexo: 53,2% são do sexo feminino e 46,8% do masculino
- Aprovados por sexo: 53,4% do sexo masculino e 46,6% do feminino
- Aplicação das provas ocorreu em 13 cidades, divididas em 51 locais (34 na Grande Florianópolis e 17 em outras cidades)

Festa no campus

Bárbara Beatriz do Espírito Santo, de 18 anos, realizou as provas para o curso de Arquitetura e Urbanismo e conseguiu uma das vagas. "Eu achava que agora passaria. Já havia feito as provas em 2008, para a UFSC, mas só consegui passar para uma faculdade

particular, que estava cursando". A caloura foi uma das candidatas que optou por utilizar o resultado da prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) como 20% da nota total do Vestibular da UFSC. "Nem sei se fui bem no Enem", completa.



Bárbara teve sucesso no segundo vestibular que prestou na UFSC

Telma Rosa, mãe de Marta Gerda Aragon Rosa, de 18 anos, se mostrava radiante com a conquista da filha, que passou em Ciências Sociais. Marta considerou que as provas do último concurso estavam mais difíceis. "Ela estava tão concentrada em estudar que perdeu a inscrição do Enem", revela a mãe. Orgulhosa, Telma conta que agora tem seus dois filhos na UFSC. "O mais velho já cursa Computação".



Marta veio com a mãe Telma conferir a lista; a caloura em Ciências Sociais "estava tão concentrada nos estudos que perdeu a inscrição do Enem", lembra a mãe

Gabriel Troina Maraslis, de 19 anos, acredita que não obteve boa colocação no Enem, mas passou no curso de Engenharia Sanitária e Ambiental. Ele deve fazer parte do grupo de alunos que optou por considerar o Enem, mas caso a nota do exame não lhe

favorecesse na classificação da UFSC, acabaria sendo desconsiderada. "Em 2008 eu não havia estudado, mas ano passado me esforcei bastante", assegurou. Junto com seus amigos, ele comemorava num dos ginásios do Centro de Desportos da UFSC.



Gabriel (dir) comemora com os amigos a vaga em Engenharia Sanitária

no Vestibular e os 50 anos da UFSC

Ações que marcam o selo comemorativo

Há quase meio século a Universidade Federal de Santa Catarina vive de ensino, pesquisa, extensão, cultura e serviços prestados à comunidade. Ao mesmo tempo, cresce, supera os desafios impostos por uma sociedade cada vez mais exigente e acompanha o desenvolvimento catarinense.

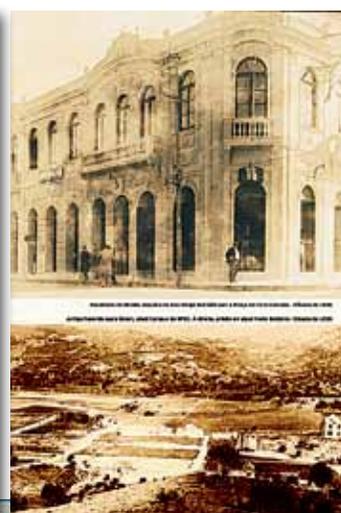
Muitos avanços nos campos social, econômico e tecnológico foram proporcionados ou tiveram a parceria da UFSC, que participa da vida dos cidadãos das formas mais distintas possíveis, extrapolando os limites dos campi que mantém em quatro regiões do Estado.

Para comemorar os seus 50 anos de criação, a Universidade planejou uma série de ações que farão de 2010 um ano cheio, unindo o aspecto festivo à continuidade do trabalho que fez dela uma das instituições de ensino superior mais conceituadas do país.

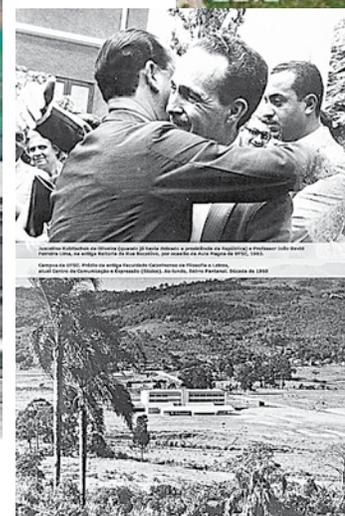
Uma novidade é o selo alusivo ao Jubileu de Ouro da UFSC, cuja simbologia representa o dinamismo, o movimento e a transversalidade inerentes à função de uma universidade digna desse nome.

O mosaico criado se inspira no painel do pintor Rodrigo de Haro que embeleza o prédio da Reitoria e utiliza a diversidade de tipos humanos que fizeram e fazem a história da UFSC em sua marcante trajetória.

A presença do brasão da UFSC, marca maior da instituição, mostra uma universidade fortalecida e ciente de seu papel como agente do desenvolvimento do estado e do país.



O selo comemorativo, desenvolvido pela Agecom, também ilustra a Agenda de 2010: a edição de aniversário traz algumas das milhares de imagens registradas durante esses cinquenta anos, como as antigas sedes, os ex-dirigentes e as modificações ocorridas na fazenda Assis Brasil



UFSC passa por momento de expansão: estudantes podem escolher entre as 82 habilitações oferecidas em Florianópolis, Joinville, Curitiba e Araranguá

Meio século de conhecimento

A UFSC, criada em 1960 pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira a partir da integração das faculdades de Direito, Ciências Econômicas, Filosofia, Farmácia e Odontologia, Medicina e Serviço Social, se consolida como uma das principais instituições de ensino superior do país. Quem ensina, estuda e trabalha na UFSC terá o privilégio de comemorar, em dezembro, os 50 anos da Universidade.

Há quase meio século formando profissionais que contribuem para o desenvolvimento social, cultural e econômico do Brasil, ela passa por um momento de expansão, chegando ao número de 82 cursos e habilitações na sede, em Florianópolis, e nos novos campi de Joinville, Curitiba e Araranguá. Além disso, a UFSC é a tutora da implantação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), que abriu 2.160 vagas no oeste de Santa Catarina, noroeste do Rio Grande do Sul e sudoeste do Paraná.

A UFSC promove a inclusão social, a cultura e a extensão, destaca-se na produção de ciência e tecnologia e vive um processo de internacionalização sem precedentes em sua história. Há pouco tempo, o Guia do Estudante da editora Abril elegeu-a como a sétima melhor instituição superior pública do país, à frente de outras grandes universidades brasileiras.

Atualmente, sua sede em Florianópolis está organizada em 11 centros de ensino, pesquisa e extensão, com estrutura que inclui dezenas de laboratórios, bibliotecas, editora, fórum, centro esportivo, centro de cultura e eventos, museu, planetário, ob-

servatório astronômico e farmácia-escola. O Hospital Universitário, referência para o Sistema Único de Saúde, proporciona quase 300 mil atendimentos por ano em diversas áreas e a pacientes de todo o Estado de Santa Catarina.

Destacam-se ainda o intercâmbio de pesquisadores e estudantes com instituições de mais de 20 países, o Programa de Ações Afirmativas, que amplia o acesso ao ensino superior público e a inclusão social, o fato de 90% do corpo docente ser constituído de doutores e o desenvolvimento de importantes projetos e iniciativas que permitem o estímulo à agricultura familiar, a assistência jurídica a pessoas de menor poder aquisitivo, a formação de professores em pequenos municípios, a educação indígena e o apoio a grupos de terceira idade.

Hoje, a instituição conta com 1.552 docentes e 2.874 servidores técnico-administrativos, mais de 1.800 linhas de pesquisa e cerca de 34 mil alunos, incluindo a graduação, pós-graduação, educação a distância, ensinos básico, médio, técnico e fundamental, além da pré-escola. A UFSC também concede mais de 7.500 bolsas para acadêmicos da graduação e possui 661.197 livros em seu sistema de bibliotecas.

Este é o ano em que a instituição comemora meio século de atividades, cada vez mais pautada na diversidade e multiplicidade de conhecimentos – uma marca da UFSC do Século XXI, aliás, um emblema da atual administração.

Calouros farão parte de um corpo docente que já soma mais de 34 mil estudantes, entre graduação, pós e educação a distância



Almanaque pós-industrial: uma viagem de 1909 a 2010

Nos 50 anos da UFSC, livro registra a evolução tecnológica de Florianópolis, retratada de forma inédita e didática, reunindo mais de cem fontes e 150 imagens

Da Redação

Polo Tecnológico de Florianópolis: origem e desenvolvimento é o livro editado pela Insular, lançado em março na Assembleia Legislativa de Santa Catarina, numa promoção conjunta com a Associação Catarinense de Imprensa (ACI), integrando a agenda de comemorações da Prefeitura no mês de aniversário da Capital do Estado, além de marcar os 50 anos da UFSC. Produzido em estilo jornalístico e com linguagem acessível ao grande público, o projeto editorial foi pesquisado de 2006 a 2009, reunindo conteúdos inéditos e atualizações sobre o Polo industrial de alta tecnologia que teve origem formal em 1986, mas cujos antecedentes remontam ao começo do século XX: com a criação da Escola de Aprendizes Artífices, atual Instituto Federal de Santa Catarina, e com o nascimento da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 1960.

Dados de 2008 apontam que Florianópolis abriga uma EBT (empresa de base tecnológica) para cada 888 habitantes, possui cerca de 450 estabelecimentos de software, hardware e serviços de tecnologia, os quais geram 4.936 empregos diretos e mais outros milhares de empregos indiretos. De um setor que praticamente

inexistia até meados dos anos 80, a indústria de base tecnológica local arrecada em ISS (Imposto Sobre Serviços) cerca de R\$ 10 milhões por ano, constituindo-se no segundo maior arrecadador do Município, superando o da construção civil e o da saúde e chegando a alcançar o dobro do valor arrecadado no tradicional setor de turismo. Parte significativa da produção tecnológica de Florianópolis segue para outros mercados do Brasil e, em alguns casos, para o exterior.

A obra *Polo Tecnológico de Florianópolis: origem e desenvolvimento* apresenta um resgate inédito e ilustrado da memória deste setor em 176 páginas coloridas, formato 17x24cm, resultado de um projeto da Redactor Comunicação proposto ao Ministério da Cultura e executado pelo jornalista Mário Xavier e equipe de profissionais locais. O produto final contou com o patrocínio das pessoas jurídicas BRDE, Eletrosul, Fundação Cultural Badesc, Intelbras e Artemis Transmissora de Energia, e das pessoas físicas Carlos Alberto Schneider e Mário José Gonzaga Petrelli, via incentivos culturais da Lei Rouanet. Contou também com o apoio da UFSC, ACI, SMCTDES e Câmara de Tecnologia da FIESC.

Mais informações sobre o lançamento: www.redactor.com.br



A obra aborda a criação do polo industrial de alta tecnologia, iniciado em 1986

O Centro Tecnológico da UFSC e o Polo Tecnológico de Florianópolis

O Centro Tecnológico da UFSC tem papel fundamental no surgimento e consolidação do Polo Tecnológico de Florianópolis. Os primeiros passos desse empreendimento podem ser reportados há quase 50 anos, quando foi criada a Escola de Engenharia Industrial, hoje Centro Tecnológico, CTC. Nessa origem está também a visão do professor Caspar Erich Stemmer, com uma orientação focada na qualidade e na integração com a sociedade.

A integração passou a ser mais efetiva para o desenvolvimento tecnológico quando em 1969 foi criado o primeiro curso de pós-graduação na UFSC, no âmbito do CTC. Desde então, um forte viés de pesquisa passou a ser incorporado ao Centro Tecnológico, com a vinda de recursos para a implantação de laboratórios focados não apenas no ensino, mas também no desenvolvimento de teses e dissertações.

Com a criação de novos cursos, tanto de graduação como de pós-graduação stricto sensu, o CTC da UFSC ampliou em número e excelência a formação de recursos humanos. Dessa forma potencializou a criação de uma massa crítica que permitiu a concepção e implantação do Polo Tecnológico de Florianópolis, um leque de empresas que se caracteriza como uma industrialização limpa, não agressiva ao meio ambiente, com foco em produtos de mecânica de precisão, eletroeletrônica e informática, entre outros.

A criação do Funcitec, hoje Fapesc, das incubadoras tecnológicas da Acate e Celta, as ações da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico Sustentável e da Secretaria Municipal de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Eco-

nômico Sustentável, o lançamento do Programa Sinapse da Inovação e inúmeras outras ações de potencialização da atividade de pesquisa, desenvolvimento e inovação, são outros suportes essenciais para fortalecimento das atividades do Polo Tecnológico de Florianópolis nos próximos anos.

Atualmente, novos desafios devem ser enfrentados, como a maior ênfase em atividades multidisciplinares.

Conscientes dessa necessidade, a UFSC, e em particular o Centro Tecnológico, iniciaram ações para a criação de novos cursos, capazes de fornecer profissionais capacitados a estas novas demandas. Em 2009 iniciam os cursos de Engenharia Eletrônica, no campus da Trindade, em Florianópolis; de Engenharia da Mobilidade, no campus de Joinville, e o de Tecnologia da Informação e Comunicação, no campus de Araranguá.

Para os próximos anos estão em estudo outras graduações, em áreas como Engenharia da Energia e Bioengenharia. Desta forma, CTC e UFSC estarão mais uma vez dando sua contribuição para o sucesso do Polo Tecnológico de Florianópolis, um novo arranjo produtivo de empresas de base tecnológica que em termos econômicos já superou o turismo, tradicionalmente a maior fonte de receita da Grande Florianópolis.

Prof. Edison da Rosa

Diretor do Centro Tecnológico da UFSC

O artigo completo pode ser lido no livro Polo Tecnológico de Florianópolis: origem e desenvolvimento.

Entre o artesanal e o high tech

A base de pesquisa dos conteúdos originais envolveu mais de uma centena de fontes consultadas, com depoimentos de representantes do ambiente acadêmico, governamental e empresarial do Polo, além de seis jornalistas do universo local de Ciência, Tecnologia e Inovação.

Mais de 250 marcos cronológicos pontuados em linhas do tempo intercalam textos narrativos e descritivos organizados em quatro grandes capítulos e associados a uma diversificada iconografia abrangendo cerca de 150 imagens – entre fotos, reproduções, mapas e ilustrações reunindo contribuições de dois designers, 18 fotógrafos e 22 acervos públicos e privados.

Registros da evolução tecnológica local passando pelo artesanal, o industrial e o high tech estão resgatados e retratados neste livro de forma inédita e didática, valorizando sempre o papel dos talentos humanos e das iniciativas sinérgicas e criativas entre academia, agentes públicos e iniciativa privada.

No texto da contracapa, assinado por Moacir Pereira, o jornalista utiliza também a metáfora de que o livro resgata a história, mais de três séculos depois, de um outro tipo de bandeirante: “os bandeirantes da alta tecnologia”.

Foto: sxc.hu/ Fred Kuipers



O sucesso da integração Universidade-Empresa foi também consequência do surgimento das fundações de apoio à pesquisa como Feesc e Fapeu

Aquicultura Segura

UFSC inaugura centro de referência para estudo e prevenção de doenças relacionadas a organismos aquáticos

Arley Reis

Jornalista na Agecom

Desde que o vírus da mancha branca surgiu em Santa Catarina, em 2005, uma das vertentes mais produtivas da aquicultura, a carcinicultura, entrou em crise. Diversas fazendas foram fechadas, a geração de renda a partir dessa atividade despencou, trabalhadores ficaram sem emprego.

Com apoio do Ministério da Aquicultura e Pesca, da FINEP e da Petrobras, entre outros setores, a UFSC inaugurou laboratórios que terão papel estratégico na busca de soluções para esse cenário, para o desenvolvimento da aquicultura e o controle ambiental.

Três destes laboratórios compõem o Núcleo de Estudos em Patologia Aquícola: Laboratório de Sanidade de Organismos Aquáticos; Laboratório de Malacologia Experimental e Laboratório de Biomarcadores de Contaminação Aquática e Imunoquímica.

"As enfermidades representam um dos principais entraves ao desenvolvimento da aquicultura mundial e no Brasil não é diferente, sendo causa de significativas perdas econômicas e inestimáveis danos sociais. Ainda sangram em nós os fortíssimos impactos sofridos pelo vírus da mancha branca na carcinicultura", lembrou na cerimônia de inauguração a coordenadora do Núcleo de Estudos em Patologia Aquícola, professora Aime Rachel Magalhães, do Departamento de Aquicultura da UFSC.

Segundo ela, o Núcleo poderá contribuir com um programa de controle sanitário na maricultura. Esse processo requer o conhecimento do estado sanitário dos animais que fazem parte

dos cultivos, a partir de inspeções e padronização de procedimentos de amostragem. Exige também a realização de diagnósticos laboratoriais conduzidos de acordo com normas internacionais. O controle sanitário depende ainda da formação de recursos humanos e estudo de soluções para as enfermidades, de sistemas de prevenção, de cura e de manejo – ações que estão entre as missões do Núcleo.

Presente na inauguração, o ministro da Pesca e Aquicultura, Altemir Gregolin, destacou o grande potencial da aquicultura para o Brasil, país com 8 mil quilômetros de costa marítima. Ressaltou que o investimento de cerca de R\$ 3 milhões na implantação do novo Núcleo é estratégico, já que a sanidade é aspecto essencial no desenvolvimento da aquicultura. "O Brasil tem condições de estar ao lado dos grandes produtores mundiais, mas precisamos estar atentos e preparados para as vulnerabilidades dessa atividade, para dar segurança a quem trabalha na área".

O professor Alvaro Toubes Prata, reitor da UFSC, lembrou que em dezembro a instituição completa 50 anos e a área de aquicultura reflete muito bem a visão da universidade. "Acreditamos na transformação do mundo pela transformação das pessoas. Acreditamos no ensino a partir do avanço da pesquisa", disse, ressaltando a importância da formação de recursos humanos para desenvolvimento e qualificação da aquicultura no país. A UFSC foi pioneira nesta área, com a implantação do mestrado em Aquicultura em 1988, do curso de graduação em Engenharia de Aquicultura em 1998, e do curso de doutorado, em 2005.

Foto: Paulo Noronha



Ministro da Pesca Altemir Gregolin prestigiou a inauguração do núcleo estratégico

Localizado na Estação Experimental de Aquicultura da UFSC, no bairro Itacorubi, em Florianópolis, o Núcleo nasce interdisciplinar, integrando engenheiros de aquicultura e de pesca, veterinários, agrônomos, biólogos e oceanólogos. Reúne pesquisadores do Departamento de Aquicultura, do Centro de Ciências Agrárias, e do Departamento de Bioquímica e do Centro de Ciências Biológicas da Universidade.

Foto: sxc.hu/ Vera Reis



O objetivo do Núcleo de Estudos em Patologia Aquícola é desenvolver projetos de pesquisa, formar recursos humanos e realizar extensão, por meio de diagnósticos a partir de metodologias aceitas internacionalmente na área de enfermidades em organismos aquáticos. Sua equipe vai trabalhar também na prevenção e controle das doenças relacionadas ao cultivo do mar.

Linhas de pesquisa dos laboratórios

Laboratório AQUOS – Sanidade de Organismos Aquáticos

Imunoprofilaxia, ictioparasitologia e ictiopatologia, hematologia, diagnóstico de enfermidades em peixes, relação parasito/hospedeiro/ambiente.

LAMEX – Laboratório de Malacologia Experimental

Patologia de moluscos marinhos; diagnóstico de enfermidades em moluscos marinhos; histopatologia de organismos aquáticos; relação parasito/hospedeiro/ambiente; reprodução e desenvolvimento de moluscos marinhos; controle sanitário de moluscos.

Laboratório de Biomarcadores de Contaminação Aquática e Imunoquímica

Biomarcadores de contaminação aquática; antioxidante em organismos aquáticos; marcadores moleculares de contaminação aquática; toxicogenômica; toxicologia molecular em organismos aquáticos; ecotoxicologia; entresse oxidativo em organismos aquáticos; mecanismos de resistência a contaminação aquática.

Eventos internacionais pensam o destino das fortalezas

As fortificações brasileiras enfrentam o mesmo impasse em todo Brasil: ou encontram alternativas de autossustentação ou sucumbem à falta de recursos para seus projetos de restauração; o objetivo dos eventos, realizados pela primeira vez no Brasil, é discutir saídas para esse desafio

Raquel Wandelli
Jornalista na SeCArte

A UFSC comemora seus 50 anos de criação e 271 anos do início da construção das fortalezas da Ilha de Santa Catarina com dois grandes eventos para discutir a administração e preservação de fortalezas no Brasil e no mundo. O VI Seminário Regional de Cidades Fortificadas e o Primeiro Encontro Técnico de Gestores de Fortificações reunirão, de 31 de março a 2 de abril, no Auditório da Reitoria, em Florianópolis, representantes de pelo menos 14 fortificações do Brasil e Uruguai. As cidades fortificadas dos Açores, Argentina, Chile e Portugal Continental também estão sendo mobilizadas para o evento.

Mantidas por universidades federais (como no caso das quatro Fortalezas da Ilha de Santa Catarina), Polícia Militar, Exército, Marinha, Secretarias Estaduais de Cultura e prefeituras municipais, as fortificações enfrentam o mesmo impasse em todo Brasil: ou encontram alternativas de autossustentação ou sucumbem à falta de recursos para seus projetos de restauração. O objetivo dos dois eventos, realizados pela primeira vez no Brasil, é discutir saídas para esse desafio e trocar experiências de práticas bem-sucedidas de gestão, explica o coordenador do Projeto Fortalezas da Secretaria de Cultura e Arte (SeCArte) da UFSC, Joi Cletison.

As inscrições para participação no Seminário e Encontro de Gestores são gratuitas e estão abertas exclusivamente pelo site www.fortalezas.ufsc.br/6seminario.

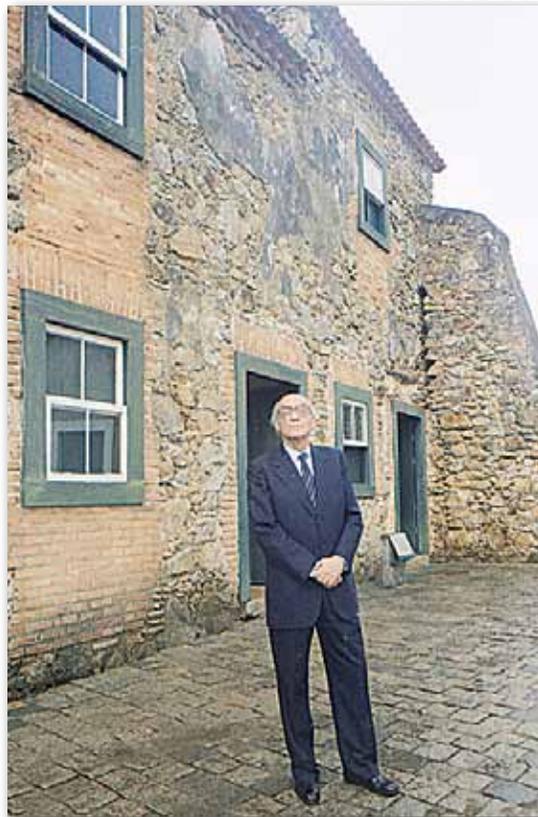
A vinda de oito gestores de fortificações já está confirmada: dois de Montevideu, no Uruguai (Forte General Artigas e Forte São Miguel), e seis no Brasil (Recife, Salvador, Macapá, Belém do Pará, Rio de Janeiro, São Paulo), além das fortalezas de Santa Catarina. Isso inclui as fortificações administradas pela UFSC em Florianópolis (Santa Cruz

de Anhatomirim, Santo Antônio de Ratonnes, São José da Ponta Grossa e Bateria de São Caetano); o Forte Marechal Luz (São Francisco do Sul); além do Forte de Santa Bárbara, que hoje é sede da Fundação Franklin Cascaes (da Prefeitura de Florianópolis) e o Forte de Santana, que abriga o Museu de Armas Lara Ribas (administrado pela Polícia Militar de SC). Ambos ficam localizados no Centro de Florianópolis.

Durante o Primeiro Encontro Técnico de Gestores de Fortificações, os gestores brasileiros e uruguaios que desenvolvem projetos de referência nacional e internacional apresentarão experiências referentes aos seguintes temas: autossustentabilidade, parcerias e projetos, captação de recursos, ao corpo técnico, manutenção e conservação de edifícios e acervos, pesquisa e documentação, divulgação e difusão cultural, educação patrimonial, visitação e turismo, acessibilidade, uso adequado dos espaços, atividades artístico-culturais, entre outros. O objetivo é mostrar de que forma cada gestor vem atuando nessas áreas, equacionar problemas comuns e fazer o intercâmbio de práticas criativas de gestão que possam contribuir para melhorar e modernizar a preservação das fortificações.

As cinco edições anteriores do Seminário ocorreram no Uruguai (Montevideu, Colônia do Sacramento e Maldonado), sob a coordenação do Espaço Cultural Al Pie de la Muralla. Esses encontros, iniciados em 2005, permitiram fomentar as produções e investigações sobre o tema das fortificações no Uruguai, Brasil, Chile, Colômbia, além de terem possibilitado intercâmbio entre especialistas dessas nacionalidades. "Pretendemos agora avançar com essas pesquisas e disponibilizar os resultados alcançados a um público ainda maior", espera Roberto Tонера, responsável pela conservação e restauração das fortalezas da Ilha de Santa Catarina.

Fotos: James Tavares



Saramago respira história

O escritor José Saramago, Nobel de Literatura, visitou as fortificações portuguesas da Ilha (na foto, ele aparece na Fortaleza de São José da Ponta Grossa) quando recebeu da UFSC, em 1999, o título de *Doutor Honoris Causa*

Alternativas para evitar ruínas

Entre as soluções estudadas estão a possibilidade de aluguel para eventos particulares, casamentos ou convenções como já faz o Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro. Uma portaria normatizando esse aluguel para as fortalezas da Ilha de Santa Catarina já está em fase de definição de valores, informa Cletison. A grande contribuição da UFSC ao evento será a ampliação do Banco de Dados sobre Fortificações no Mundo (www.fortalezas.org) para todos os participantes em um sistema colaborativo.

Criado em 2008 pelo arquiteto Roberto Tонера, coordenador do Projeto Fortalezas Multimídia, o sistema pioneiro em nível mundial permite o armazenamento de informações em meio eletrônico sobre essas construções históricas. Hoje já conta com a participação do Uruguai, entre outros países, tendo cadastrado mais de 850 fortificações de todo mundo.

Mais Informações no site www.fortalezas.ufsc.br/6seminario, pelos telefones (48) 3721-5118 e 3721-8605 ou pelos e-mails projeto@fortalezasmultimidia.com.br e joi@nea.ufsc.br.



A fortaleza de Anhatomirim, restaurada e administrada pela UFSC, é visita obrigatória dos turistas que passam pela Ilha de Santa Catarina

Ombudsman

A Palavra de ordem é "COMPROMISSO"

Recebi com muita satisfação o convite para escrever o ombudsman deste mês do *JU*. A recomendação foi a de falar o que eu penso sem me preocupar com a crítica, pois ela é construtiva e bem-vinda. Fiquei algum tempo pensando nisso. Li os nomes dos jornalistas que escreveram as matérias e dos jornalistas estagiários. Tentei me colocar no lugar deles e refleti. Os veteranos buscam a informação de utilidade, que agrega conhecimento e esclarece dúvidas, sendo a notícia factual ou não. Então, me coloquei no lugar dos jornalistas estagiários. Estes que, além de estar em sala de aula, estão buscando o algo mais fora dela. Ousando, procurando novas formas de escrever os textos, mostrando que podem superar a barreira dos formados e não formados. Lembrei de mim, dos momentos de angústia em frente a um texto que não venceria a tempo e sucumbiria ao famoso *dead-line*. Todos passam por isso. Dúvidas, incertezas na hora de usar a melhor palavra, retirar a melhor fala da fonte, enfim....

Diante de tudo isso e depois de ler alguns *JUs*, outros já havia lido anteriormente, parei para tomar um café, uma pausa para reflexão antes de me sentar novamente diante do computador e pensei: não existe uma melhor forma de se fazer, existem os esforços somados, a boa vontade, a visão aberta, a ousadia, a criatividade, o profissionalismo nato, o compromisso assumido e o respeito acima de tudo. Cada um pode fazer o seu melhor e muitas vezes o resultado pode não agradar a todos. Pode-se agradar em apenas uma parte, ou duas, ou mais. E, mesmo assim, não significa que não está ótimo. O comprometimento deve ser sempre de cada um. Várias partes que se derivam e formam um todo.

Um jornal universitário deve acima de tudo mostrar para o que veio. Oferecer informações interessantes, com veracidade e ética para a comunidade. Muitos criticam o estilo chapa branca dos jornais universitários ou institucionais. Parece que ainda existe um ranço dos jornais políticos da época da ditadura. Mas isso já passou, é preciso soltar as amarras e parar de criticar esse tipo de publicação. Bastante útil por sinal. Muitas pessoas não percebem que o jornal de uma instituição, pública ou privada, deve prestar informações advindas dela ou de interesse das pessoas que lêem o



seu jornal. As outras informações gerais estarão no *Diário Catarinense*, no *Notícias do Dia*, nos jornais de bairro, por exemplo.

Acredito que o *JU* deva oferecer à comunidade geral e acadêmica o que os próprios jornalistas que o fazem gostariam de ler. Ele deve refletir com sinceridade a imagem da instituição sem jogar confetes nela, apenas ser autêntico e verdadeiro. Os estudantes que por ele passam devem aproveitar ao máximo para colocar a criatividade em prática com compromisso e respeito e saber que estão diante de uma excelente oportunidade de experimentar o exercício da profissão. Os professores que servirem de fonte têm que saber que ele é um espaço destinado a divulgar o seu conhecimento, seus novos projetos e ideias. E isso é maravilhoso. Ao fim de cada edição é um filho que nasce, com vários esforços somados. Erros sempre existirão, críticas também, porém o mais importante é olhar para frente e seguir com a certeza de sempre estar tentando fazer o melhor.

Quando coloquei a palavra de ordem "Compromisso" no título talvez tenha vindo à cabeça de muitas pessoas compromisso com a verdade. Essa frase já está velha e ultrapassada. O compromisso que devemos ter é com a gente mesmo, o de saber que uma palavra mal-escrita, mal-interpretada pode acabar com uma carreira, com a vida alguém. Por isso, é preciso se comprometer em cada passo. Desde a escolha da profissão. Porque quem a escolhe não larga mais.

Cilene Macedo
Jornalista, especialista em Gestão de Comunicação Empresarial. É assessora de imprensa da Universidade do Sul da Santa Catarina (Unisul), no campus da Grande Florianópolis.

JU dos leitores

Um bom combate

Gostaria de ocupar esse espaço para agradecer a comunidade universitária e em especial à Agência de Comunicação da UFSC, pelo muito que aprendi durante os quase 30 anos que estive fazendo parte das várias equipes que a compuseram.

Naquela escola aprendi a ser um assessor de comunicação no sentido mais amplo da palavra. Foi também na UFSC que tive minha formação acadêmica,

graduação em Letras e Jornalismo, especialização em Psicologia da Comunicação e mestrado em Mídia e Conhecimento.

Considero a aposentadoria a conclusão de mais um ciclo da minha vida. Ao longo desses anos tive oportunidade de estabelecer uma grande teia de relacionamentos na comunidade. Aproveitei a oportunidade para pedir perdão àqueles que de alguma forma frustrei, sendo injusto, irredutível em alguns momentos e duro, em outros.

Errei muito, é verdade, mas minha intenção foi sempre de acertar, de colaborar,

Imagem

O Boitatá, previsto para ser inaugurado em abril, já está em pé, entrando no lagozinho, e sua vinda para o campus começou a atrair outros seres: enquanto o entorno do lago não fica pronto, um pato adotou o local como morada. A ave passa a maior parte do tempo rodeando o lugar - quem sabe inspecionando as obras -, em busca de alimento, e de vez em quando alça voo para pouisar em suas águas.

A calma das férias tem lhe garantido uma vida tranquila, e a esperança é que ele goste da agitação típica do meio dia em torno do RU.



Foto: Cláudia Reis

Um olhar novo sobre Cruz e Sousa

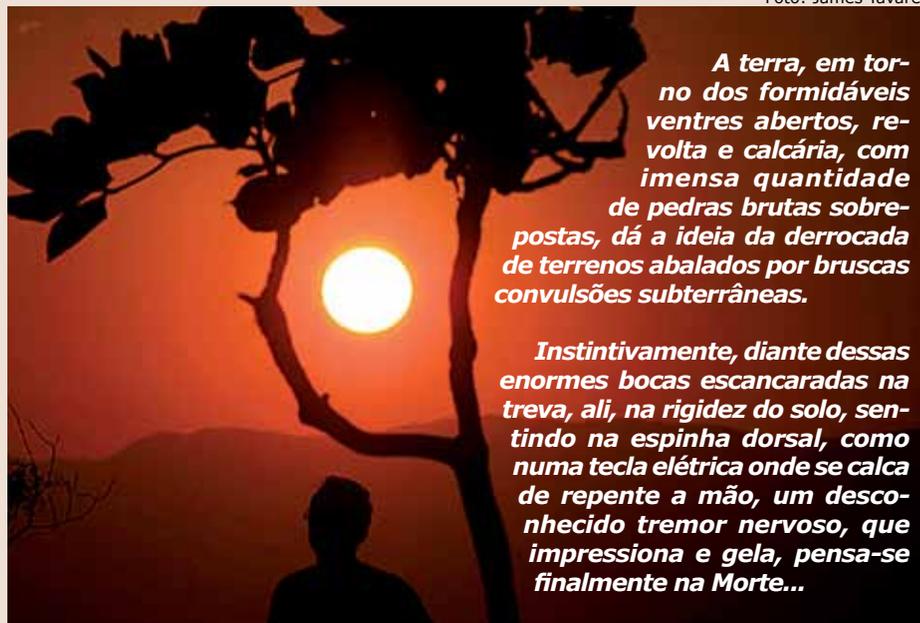
Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

Poemas em prosa constituem um gênero pouco exercitado na literatura brasileira, mas um de seus cultores, o simbolista João da Cruz e Sousa, já se aventurou por essa modalidade de escritura no final do século XIX. Nascido na cidade do Desterro, hoje Florianópolis, ele se mudou para o Rio de Janeiro em 1890, onde imaginou encontrar campo para mostrar e repercutir seu trabalho - que viria a ser, como mostrou o tempo, de qualidade literária superior, vindo a transformar a poesia brasileira no século seguinte. Mas a produção em prosa teve uma recepção hostil na capital da República, fato amplamente analisado no livro *Um poeta simbolista na República Velha - Literatura e so-*

cidade em Missal de Cruz e Sousa, de Jefferson Agostini Mello, lançado pela Editora da UFSC.

O livro utiliza *Missal* (1893) para mostrar como Cruz e Sousa se apresentou ao meio cultural carioca, dominado por poetas realistas e parnasianos e por críticos apegados à corrente positivista, que entendiam a literatura como mais um instrumento de afirmação da nacionalidade do que como uma manifestação espontânea da arte escrita. Esse confronto seria inevitável, porque um dos pressupostos da estética simbolista era justamente a de não comunicar e, no caso de Cruz e Sousa, de pregar "a arte pela arte". Ao chamar a atenção para "uma estrutura social fracassada e obscura", o poeta do Desterro afrontou a crítica oficial da época, que tinha em José Veríssimo um de seus baluartes.

Foto: James Tavares



A terra, em torno dos formidáveis ventres abertos, revolta e calcária, com imensa quantidade de pedras brutas sobrepostas, dá a ideia da derrocada de terrenos abalados por bruscas convulsões subterrâneas.

Instintivamente, diante dessas enormes bocas escancaradas na treva, ali, na rigidez do solo, sentindo na espinha dorsal, como numa tecla elétrica onde se calca de repente a mão, um desconhecido tremor nervoso, que impressiona e gela, pensa-se finalmente na Morte...

Trecho do livro *Um poeta simbolista na República Velha*

de compartilhar, de contribuir, de somar. Agradeço a Deus por me preservar com saúde por todo esse tempo. Também agradeço a todos os que comigo estiveram, quer no trabalho, no estudo, nas pesquisas e nos momentos de descontração nos diversos ambientes que frequentei nessa universidade.

Parafrazeando o Apóstolo Paulo, quero dizer que "combati um bom combate, terminei a carreira".

José Antonio de Souza
Jornalista na Agecom



Zé já enviou foto do início de sua aposentadoria: "vida mansa nos Açores!"

Carteiras de Identidade espalhadas pelo campus

Projeto mapeia todas as espécies de plantas existentes na UFSC e identificando-as através de placas, para que as pessoas possam relacioná-las à memória afetiva

Alita Diana
Jornalista na Agecom

Areca, ipês roxos, palmeiras imperiais... Quais são as espécies que compõem a flora do campus? Para identificar, localizar e mapear as mais de 300 diferentes espécies de plantas espalhadas pela UFSC, o professor Enio Luiz Pedrotti, atual secretário de Relações Institucionais e Internacionais da Universidade, engenheiro agrônomo e professor da disciplina de Plantas Ornamentais há quase 30 anos, propôs à administração da UFSC um singelo mas importante projeto. Auxiliado por dois bolsistas, Luiz Henrique Coelho e Ramon Felipe Scherer, foram levantadas e mapeadas todas as espécies do campus.

A proposta que integra o Projeto Campus Vivo é que as pessoas pudessem, além de identificar as plantas, relacioná-las com algum fator cultural ou memória afetiva. Isto possibilitará também maior aproveitamento didático para as plantas, uma vez nomeadas.

Optou-se por uma identificação que fosse a mais simples possível, já que não era necessário fazer uma comunicação científica.

Cada uma das 1.100 placas tem a logo da UFSC e os dizeres Universidade Federal de Santa Catarina - Projeto Campus Vivo e depois o nome comum da planta. Por exemplo: AREKA BAMBU e seu nome científico *Dyopsis lutescens* (sem citar a família à qual ela pertence ou quem a classificou). Depois há um mapa mundi dos continentes e um círculo identifica a região de origem.

A equipe do Sistema de Identidade Visual da UFSC (Agecom) executou a ideia do professor Enio Pedrotti. Foi sugerido o uso de concreto, exclusivamente pelo problema crônico da

deprecação que ocorre no campus. Placas de madeira, além de serem mais vulneráveis, têm uma vida útil menor, já que após cravadas no chão, em contato com o solo, têm apodrecimento rápido.

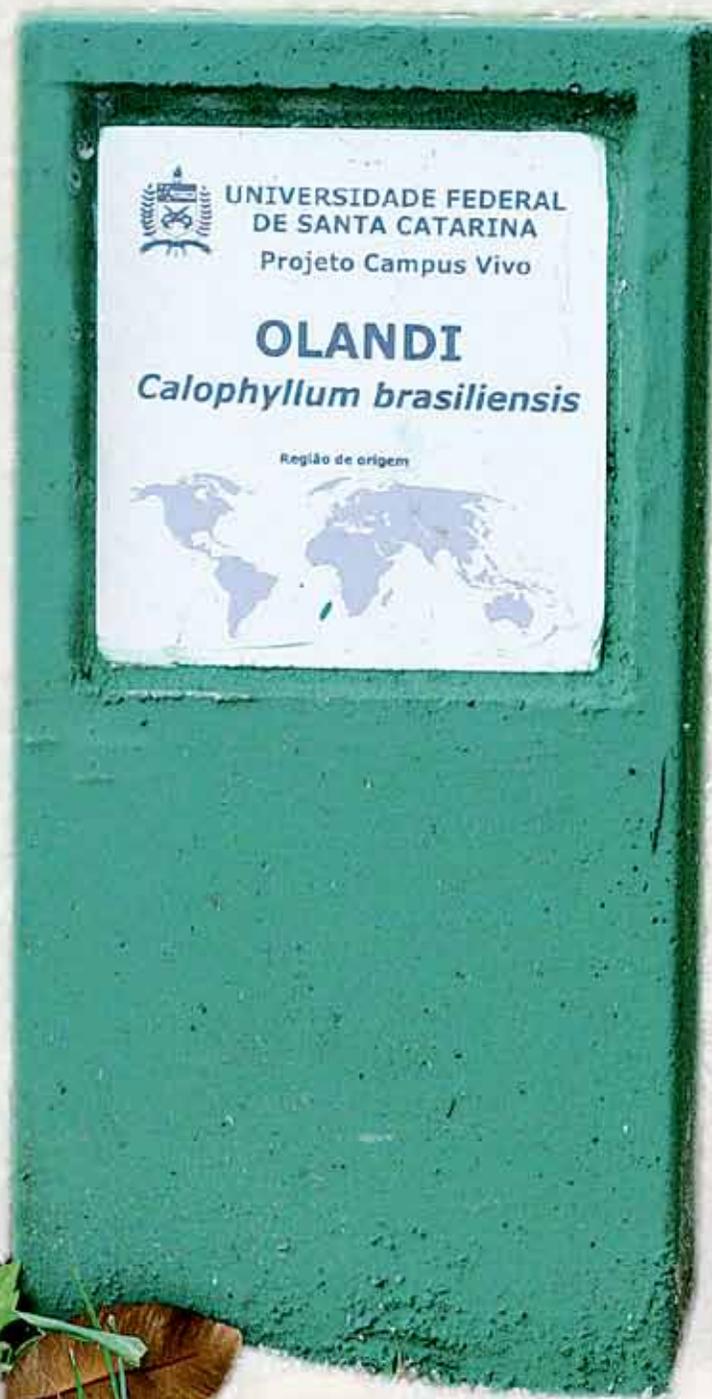
As placas estão fixadas em estruturas de concreto, pintadas da cor verde. Para sua colocação, considerou-se que há repetições de espécies em alguns canteiros e que a pessoa pode estabelecer relações entre elas. Por isso, nem todas levam identificação.

O professor Enio explicou que um grande problema para as plantas é o dano sistemático provocado pelas roçadeiras, fazendo com que elas fiquem sem a possibilidade de processar carboidratos (anelamento), se tornando nanicas ou morrendo. Ele chama atenção para o grande número de "bonsais" espalhados pelo campus, como a palmeira em frente à Reitoria.

Visando amenizar a situação, já foi proposto que uma parte da grama não vá para a compostagem, mas que seja ser colocada em redor da muda para que esta não seja danificada pela máquina.

O levantamento levou em conta família, região de origem, número de plantas que há no campus daquela espécie. Foi usado o software do Google maps para se saber, por exemplo, quantas arecas há no campus e qual planta está localizada em tal lugar.

A professora Alina Gonçalves Santiago, do departamento de Arquitetura da UFSC e coordenadora do Projeto Campus Vivo, deu um "upgrade" no mapa produzido pelos bolsistas de Agronomia. Coordenou um grupo de alunos que transformou o mapa do campus, com auxílio do programa Autocad, tendo sido anotada a situação de cada planta: se está morta, se há perigo de cair algum galho, entre outras ocorrências.



As placas possuem identificação simples, já que o objetivo não é a catalogação científica; o levantamento levou em conta família, região de origem e número de plantas da espécie que o campus possui

Projeto Campus Vivo

O projeto Campus Vivo inclui os projetos Arborização do Campus e a Ciclovía Ecoeficiente. A identificação das plantas se entrelaça com o projeto de arborização e também com o traçado do caminho da ciclovía.

O projeto da ciclovía foi idealizado por

um grupo interdisciplinar da UFSC que estuda a viabilidade desta alternativa de transporte de forma adequada e ecologicamente correta, interligando a Universidade aos principais pontos de Florianópolis.

Para saber mais sobre a Ciclovía Ecoeficiente acesse o blog:<http://cicloviaecoeficiente.blogspot.com/>

